

**ORGULHO e PRECONCEITO E A MILÍCIA****PRIDE and PREJUDICE AND THE MILITIA**Marcella Faria¹

Recebido: 05 jul. 2019

Aceito: 04 dez. 2019

DOI 10.26512/aguaviva.v5i1.25570

RESUMO: O presente artigo tem como finalidade identificar e analisar no romance *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen, publicado em 1813, elementos do ambiente histórico, político e social da época, desencadeados pelos acontecimentos relacionados à milícia inglesa. Para tanto, descreveu-se brevemente o contexto das guerras napoleônicas e adotou-se, como linha de pensamento teórico, os pressupostos do *New Historicism*, associados metodologicamente às bases da análise de conteúdo. O resultado permitiu concluir que Austen, diferente da característica atribuída a sua obra pela crítica – “escrita para mocinhas” – também escreveu sobre a política de sua época, como demonstrou no romance enfocado neste estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Jane Austen. Orgulho e Preconceito. Milícia.

ABSTRACT: The main goal of this article is to analyze Jane Austen’s 1813 novel *Pride and Prejudice* by detecting the elements of the historical, political and social context regarding the events related to the English militia. For this purpose, the Napoleonic Wars were briefly described, and the postulates of the New Historicism were adopted as the theoretical line of thought and they were methodologically associated with the principles of the content analysis. It was possible to conclude that Austen, different from the characteristic that is given to her works by the critic – “novels for women” – wrote about the politics of her time as it was demonstrated in the novel analyzed in this paper.

KEYWORDS: Jane Austen. Pride and Prejudice. Militia.

INTRODUÇÃO

É uma verdade imensamente difundida que enquanto a Inglaterra se encontrava em guerra, Jane Austen estava ocupada escrevendo romances de amor. Parece que suas obras se passavam em um mundo não afetado por Napoleão ou por qualquer outra desordem política.

¹ Graduada em Letras Inglês pela Universidade de Brasília (UnB).



Apesar de alguns autores duramente criticarem Austen pela falta de referências históricas em sua escrita, houve quem as vislumbrasse em seus enredos. Afinal, seus romances poderiam ser apenas sobre a vida de “três ou quatro famílias em uma vila do interior”², como ela costumava se referir a eles em suas cartas?

Jane Austen viveu em uma época de revoluções. No curso de sua vida, muitos eventos históricos e políticos importantes aconteceram, como a Revolução Francesa, a ascensão e a queda de Napoleão, a Guerra de Independência Norte-Americana e a Revolução Industrial. Contudo, os personagens de Austen pareciam viver em um mundo não afetado por tais eventos. Até mesmo Winston Churchill, primeiro ministro da Inglaterra durante a Segunda Guerra Mundial, expôs sua opinião sobre *Orgulho e Preconceito*: “Que vida calma eles tinham... Sem preocupações sobre a Revolução Francesa, ou as dificuldades esmagadoras decorrentes das Guerras Napoleônicas” (CHURCHILL, *apud* WORSLEY, 2017, p. 130)³. Dessa visão também partilham alguns escritores, como o norte-americano Mark Twain e as inglesas Charlotte Brontë e George Elliot, para os quais, em síntese, Austen era indiferente à política de sua época; logo, não poderia ser considerada uma escritora “séria”.

É fato, porém, que Austen estava muito mais ciente de sua história contemporânea do que tais críticos afirmam. Tanto que, por exemplo, em *Mansfield Park*, escrito entre 1811 e 1813, há menções à escravidão, a Inglaterra atuava bastante no comércio de escravos nos séculos XVII e XVIII. No início do século XIX (1807), o *Abolition Act* proibiu tráfico de escravos, mas a abolição só se deu, de fato, em 1833 (ANDRADE, 2018), entre outras, quando a personagem Fanny Price argumenta: “[...] Não me ouviu interrogá-lo ontem à noite sobre o tráfico de escravos?” (AUSTEN, 2007, p. 177)⁴.

Em *Emma*, escrito entre 1814 e 1815, há um “ataque” de ciganos a personagens do romance, no início do século XIX, na Inglaterra, “os ciganos eram expulsos das comunidades, às vezes, pequenos ou eram até mesmo enforcados” (EUROCHANEL, 2019, p. 01), conforme abaixo:

[...] Quando as jovens avançaram um pouco [...], subitamente perceberam um grupo de ciganos, a pouca distância, em uma área aberta ao lado da estrada.

² Tradução nossa, no original: [...] *three or four families in a country village* (AUSTEN, 1814, *apud* Pemberley).

³ Tradução nossa, no original: *What calm lives they had... No worries about the French Revolution, or the crushing struggles of the Napoleonic wars* (CHURCHILL, *apud* WORSLEY, 2017, p. 130).

⁴ Tradução nossa, no original: *Did not you hear me ask him about the slave trade last night?* (AUSTEN, 2007, p. 177).



Uma criança (cigana) que estava de vigia veio até elas para pedir alguma coisa. Miss Bickerton, muito assustada, deu um grito alto e, dizendo a Harriet que a seguisse subiu em um barranco íngreme [...] O baile da noite passada foi esquecido por causa dos ciganos (AUSTEN, 2010, p. 272, 274).

Em *Persuasão*, escrito por volta de 1816, há um forte debate sobre a aristocracia decadente e os novos ricos, bem como sobre o papel da Marinha, instituição na qual marinheiros realizavam um trabalho nobre para seu país, mas não podiam ser considerados nobres, nesse contexto. A personagem Anne Elliot, filha de um aristocrata decadente, busca defender os marinheiros diante do preconceito em relação a essa profissão:

Eu acho que a Marinha, que tanto fez por nós, tem pelo menos os mesmos direitos que qualquer outro grupo de homens a todos os confortos e privilégios que qualquer casa possa proporcionar. Todos precisamos admitir que os marinheiros trabalham duro para merecer seu conforto (AUSTEN, 2013, p. 14)⁵.

Em *Orgulho e Preconceito*, publicado em 1813 e foco deste estudo, as ações da milícia são apresentadas de forma sutil. Historicamente, a milícia teve um papel importante na Inglaterra durante a guerra contra a França. No entanto, ela também trouxe problemas, cujas consequências foram ruins para o país, principalmente para muitas moças inglesas. No romance, um oficial da milícia seduziu e comprometeu uma jovem com o objetivo de obter dinheiro em troca de se casar com ela.

Nessa perspectiva, integram o *corpus* desta pesquisa referências às guerras napoleônicas, o conteúdo do romance *Orgulho e Preconceito* de Jane Austen e breves críticas à obra dessa escritora, essas como contraponto ao propósito do trabalho.

O objetivo geral é identificar e analisar, no romance *Orgulho e Preconceito*, elementos que caracterizem o ambiente político e social da Inglaterra, desencadeado pelas guerras napoleônicas. Os objetivos específicos são: descrever brevemente o contexto histórico das Guerras Napoleônicas e seus efeitos sobre a sociedade inglesa; pontuar, de modo geral, características deles na obra de Jane Austen e verificar, em particular, o que a caracterização da

⁵ Tradução nossa, no original: *The navy, I think, who have done so much for us, have at least an equal claim with any other set of men, for all the comforts and all the privileges which any home can give. Sailors work hard enough for their comforts, we must all allow* (AUSTEN, 2013, p. 14).



milícia no romance *Orgulho e Preconceito* tem a dizer como reflexo daquele tempo na vida dos leitores da época.

Constitui aporte teórico deste trabalho o *New Historicism*, corrente de pensamento que vem dominando estudos modernos de Literatura, baseada no pressuposto de que “a literatura deve ser entendida em seu contexto histórico”. Isso porque “textos literários são produtos culturais que estão enraizados em seu tempo e lugar, e não em obras de gênios individuais que os transcendem.” Ensaio nessa perspectiva têm como finalidade estabelecer ligações “aparentemente improváveis entre vários produtos culturais e textos literários.” Trata-se de desenvolver/facilitar uma visão mais flexível, mais heterogênea e mais dinâmica da cultura (PARVINI, 2017, p. 02). Assim, para se analisar um texto literário, é preciso compreender o contexto histórico no qual ele foi escrito.

Para contextualizar a proposta deste estudo, também serão utilizados textos de críticos que se dividem em opiniões: de um lado, além dos citados Mark Twain, George Elliot e Charlotte Brontë, encontra-se Rudyard Kipling que não reconhecia o contexto histórico da Inglaterra presente nos romances de Austen e descreveu, em seu *The Janeites*, de 1924, um grupo de soldados que lutou na Primeira Guerra Mundial e que encontrava consolo para seus traumas de pós-guerra nas obras de Austen, por seus enredos simples, leves e calmos; de outro, Tim Fulford, Lucy Worsley, Tonny Tanner e Lindsay Prescott, entre outros, afirmam que Austen de fato escreveu sobre a política de sua época.

Metodologicamente, o trabalho tem um caráter exploratório/explicativo, porque visa a identificações e à análise do texto, buscando relacionar aspectos dele a fatos. Para isso, foi utilizado como procedimento a análise de conteúdo, com a finalidade de inferir “conhecimentos relativos às condições de produção [...], inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)” (BARDIN, 2004, p. 34, 36). O que se procura, em uma análise, é identificar correspondências entre estruturas linguísticas e semânticas e estruturas sociais, psicológicas ou sociológicas – como condutas, atitudes e outras. Isso porque

O analista é como um arquiteto. Trabalha com vestígios: [...] manifestações de estados, de dados e de fenômenos. [...] se a descrição (enumeração das características do texto, resumida após tratamento) é a primeira etapa necessária e a interpretação (significação concedida a estas características) é a última fase, a inferência é o procedimento intermediário que vem permitir a passagem, explícita e controlada, de uma à outra (BARDIN, 2004, p. 34).



Nessa perspectiva, o tema deste trabalho é importante àqueles que buscam compreender o aspecto histórico da obra de Austen, em especial o papel da milícia na Inglaterra, com base em uma análise dos eventos históricos e do romance mais célebre da autora. Assim, este artigo pode contribuir para ampliar a visão diferenciada dos romances de Austen, demonstrando como os acontecimentos políticos foram apresentados em sua escrita.

A INGLATERRA DE JANE AUSTEN

Jane Austen nasceu em 16 de dezembro de 1775, 14 anos antes da Revolução Francesa, quando o colapso da monarquia absolutista na França em 1789 resultou em uma transformação épica na Europa. Os ideais da nova república Liberdade, Igualdade e Fraternidade substituíram a velha aristocracia que agora se encontrava em pavor. A execução do rei Luís XVI causou grande temor a toda a monarquia europeia, que buscou derrotar a República Francesa. Nessa primeira guerra, um jovem general chamado Napoleão Bonaparte derrotou os exércitos que ameaçavam os franceses, com exceção do exército britânico. Em 1799, após o Golpe de 18 de Brumário, Napoleão se tornou o novo governante francês.

Durante anos, vários conflitos ocorreram na Europa. Tentativas de tratados de paz falharam quando os franceses interferiram no comércio britânico, em retaliação à acolhida que a imprensa antifrancesa teve na Inglaterra. Ademais, o governo britânico estava ficando cada vez mais descontente com a desordem que se instaurou no continente, causada pelas ambições de Napoleão, e temia que ele ameaçasse suas colônias e seu controle político. Essa ameaça resultou no Bloqueio Continental de 1806, com a Grã-Bretanha sendo isolada economicamente, não podendo realizar atividades comerciais com o resto da Europa. Tais conflitos resultaram em uma série de batalhas, conhecidas como “guerras napoleônicas”.

Não obstante, o Bloqueio Continental resultou em fracasso, devido ao contrabando e à dificuldade de todos os portos serem bloqueados. Além do mais, a produção nacional britânica manteve-se forte e organizada, atendendo principalmente às necessidades militares. O governo britânico investiu na potência da Marinha Real e de seus navios, que foram essenciais para a derrota francesa. Dessa forma, o impacto do Bloqueio na economia do país foi mitigado.

Após décadas de conflito, Napoleão foi derrotado na Batalha de Waterloo em 1815 e exilado na Ilha de Santa Helena, onde morreu seis anos depois. Pode-se dizer que um dos maiores legados das guerras napoleônicas foi seu impacto militar, pois até então os exércitos



eram relativamente pequenos. Além disso, o Império Britânico emergiu como a maior força europeia, devido a sua supremacia naval.

Mas, como tudo isso chegou à vida de uma simples aspirante a romancista que vivia no interior da Inglaterra nessa época?

A vida de Jane Austen, além de transcorrer em pleno período das guerras napoleônicas, foi permeada de fatos que associaram diretamente seu cotidiano àquelas. Por exemplo: uma de suas primas mais queridas, Eliza de Feuillide, se casou com o capitão francês Jean-François Capot de Feuillide, um rico conde que lutou em favor da monarquia aristocrática durante a Revolução Francesa. Em consequência, ele foi preso e guilhotinado em 1794. Viúva e mãe de um pequeno garoto, Eliza fugiu para a Inglaterra, onde se casou pela segunda vez com Henry Austen, irmão de Jane. Ela era uma moça vivaz e alegre que serviu de inspiração para algumas personagens dos romances de Austen, como Mary Crawford, em *Mansfield Park*.

Jane Austen tinha oito irmãos. Dois deles, Frank e Charles, se tornaram marinheiros navais. Com dois irmãos combatendo na guerra, a família Austen sentia apreensão, mas, apesar disso, suas cartas para outros membros da família também expressavam contentamento. Isso porque o alistamento, que se dava de forma voluntária, proporcionava a chance de melhoria de vida e de ascensão social. Quando promovidos, os marinheiros, almirantes e capitães ganhavam uma boa remuneração, principalmente quando navios do inimigo eram capturados. Ademais, lutar na guerra demonstrava patriotismo.

A família Austen se orgulhava de seus dois filhos que estavam prestando um grande serviço à nação como marinheiros. No entanto, esse sentimento não era compartilhado por todos na Inglaterra. A antiga e tradicional aristocracia não via com bons olhos homens de origem simples ascendendo socialmente. Ganhar dinheiro com o trabalho era algo ultrajante, em uma sociedade para a qual dinheiro deveria ser herdado.

Essa situação foi trabalhada no romance *Persuasão*, quando Austen narra o amor entre uma heroína, Anne Elliot, de origem nobre, e um capitão da Marinha, Frederick Wentworth, muito para o descontentamento de seu pai, Sir Walter Elliot:

Sim, há dois pontos em que ela [a Marinha] me desagrade; tenho duas fortes objeções em relação a ela. Em primeiro lugar, por ser um meio de elevar pessoas de nascimento obscuro a lugares de imerecida distinção e lhes conceder honras com que os seus pais ou avós nunca sonharam; e, em segundo



lugar, porque destrói a juventude e a força de um homem de forma horrível; um marinheiro envelhece mais rápido do que qualquer outro homem (AUSTEN, 2013, p. 15)⁶.

Em 1796, Henry, o referido irmão de Jane, decidiu servir ao Império Britânico e alistou-se no Exército. Todavia, essa decisão não gerou contentamento na família. Em uma das cartas de Jane, há o seguinte trecho:

Henry continua aspirando trabalhar no *Regulars*, e... colocou na cabeça que vai ser tenente e ganhar um cargo no 86, um novo regimento, no qual ele espera ser condecorado como *Cape of Good Hope*. Eu sinceramente espero que ele consiga, como sempre, ser desapontado em seus planos (AUSTEN, *apud* PRESCOTT, 2009, p. 12)⁷.

Na vida de Austen, seus três irmãos sobreviveram à guerra, mas o jovem Tom Fowle, noivo de sua irmã mais velha Cassandra, não teve a mesma sorte. Além do medo de morrer em combate, os soldados temiam morrer de doenças. Fowle serviu à Marinha e morreu de febre na Índia, em 1798, deixando uma pequena herança à querida irmã da autora.

Nos romances de Austen, é possível identificar um favorecimento à Marinha em relação à milícia. No citado romance *Persuasão*, vários personagens fazem parte do cenário naval e há discussões sobre o valor da Marinha. Em *Mansfield Park*, o irmão mais querido da heroína Fanny, William Price, construiu sua carreira ao se tornar marinheiro, o que muito agradou à família. Contudo, em outros romances, há personagens militares com algo sobejamente em comum: uma certa vilania.

Em *Northanger Abbey*, por exemplo, o General Tilney e o Capitão Tilney têm traços góticos e maliciosos: o primeiro expulsou a heroína Catherine Morland de sua casa de forma cruel e humilhante, quando descobriu que ela não tinha fortuna; o segundo seduziu sua amiga Isabella Thorpe. Já no romance mais famoso da autora *Orgulho e Preconceito*, há a figura de

⁶ Tradução nossa, no original: *Yes; it is in two points offensive to me; I have two strong grounds of objection to it. First, as being the means of bringing persons of obscure birth into undue distinction, and raising men to honours which their fathers and grandfathers never dreamt of; and secondly, as it cuts up a man's youth and vigour most horribly; a sailor grows old sooner than any other man* (AUSTEN, 2013, p. 15).

⁷ Tradução nossa, no original: *Henry is still hankering after the Regulars, and ... he has got a scheme in his head about getting a lieutenancy and adjutancy in the 86th, a new-raised regiment, which he fancies will be ordered to the Cape of Good Hope. I heartily hope he will, as usual, be disappointed in this scheme* (AUSTEN, *apud* PRESCOTT, 2009, p. 12).



Wickham, um soldado que se apresentava de forma galante e encantadora, mas era um mentiroso e oportunista atrás de fortuna.

Em outros romances da autora, há figuras de militares que não eram vilões, mas que apresentavam características diferentes, havendo até os que sofriam preconceito. Em *Razão e Sensibilidade*, o Coronel Brandon tinha boa índole e era merecedor de respeito, mas possuía um caráter melancólico. Em *Emma*, havia um certo preconceito com relação ao Sr. Weston, por ele ter se alistado voluntariamente em sua juventude, ao que a aristocracia fazia restrições.

Diante disso, podemos indagar: por que, nos romances de Austen, a Marinha é favorecida e a milícia desprezada? Para responder tal pergunta, devemos retomar ao contexto histórico das guerras napoleônicas.

Enquanto a Marinha realizava o trabalho essencial de defender o país, ao lutar com as tropas francesas e capturar seus navios, os soldados do Exército eram recrutados em diversas bases para defender a nação de uma provável invasão napoleônica que nunca aconteceu. Em outras palavras, enquanto a Marinha realizava todo o trabalho, os soldados do Exército tinham bastante tempo livre para fazer o que bem entendessem, sem arcar com as consequências desses atos fora da guerra. Era o que faziam os personagens Capitão Tilney e Wickham, de *Northanger Abbey* e de *Orgulho e Preconceito*, respectivamente. Para a surpresa de muitos, como Churchill, Jane Austen, de fato, não só falava da guerra como a representava em seus romances.

Se, por um lado, ela não descreveu explicitamente fatos da guerra, deixando que uma leitura superficial desconhecesse que ela também falava disso, por outro, essa descoberta não é fruto de simples deduções. No sentido do que se busca neste trabalho, como Bardin (2004, p. 17) explica, “raramente se retira mais (de uma análise) do que nela se investe e algumas vezes (se retira) até menos”. No caso da obra de Austen, traços de sua vida e características dos personagens se revezam entre o real e o ficcional, cabendo ao analista buscar inferências daqueles nessas últimas.

Trata-se do que Bardin (2004, p. 109) afirma: no tratamento das mensagens, muitas vezes a análise não pode se limitar ao conteúdo, mas deve-se ainda considerar o “continente”. O que caracteriza uma análise qualitativa “é o fato de a inferência ser fundada na presença de índices (palavras, personagens...)” e não em outros aspectos. Em Austen, os indicadores são os personagens, seu caráter e seu comportamento.



Sobre seus escritos, no inverno de 1810, Jane Austen tentou publicar seu primeiro romance *Razão e Sensibilidade*. Mas o livro só foi aceito pelo editor de livros militares Thomas Eagerton em 1811, o que pode causar estranheza pela especificidade dessas publicações. Mas é que Eagerton era colega de Henry Austen. Os dois se conheceram quando Eagerton publicava a revista *The Loiterer*, de Henry, então estudante universitário. Possivelmente, o alistamento de Henry no Exército tenha possibilitado a retomada do contato entre eles, já que Eagerton editava obras militares, e Henry havia se tornado um deles. Dessa forma, pode-se dizer, em termos amplos, que Napoleão contribuiu de alguma forma para a carreira de Austen.

A maior parte da vida de Jane Austen transcorreu no período das guerras napoleônicas. Conforme Prescott,

Essa série de conflitos também mudou bastante o modo como o conceito de guerra foi compreendido nos anos seguintes. Para pessoas como Jane Austen ou o Duque de Wellington, a guerra representava principalmente o triunfo da velha ordem sobre os Revolucionários e sobre o poder da tirania caracterizado pelo reino de Napoleão. Os franceses haviam reconstruído seu nacionalismo por meio de uma Revolução que falhou em muitos aspectos. Eles se uniram pelo sofrimento em comum e pelo dever de lutar pela França, e não por um Rei. Já os britânicos chegaram a um sentimento nacionalista através da vitória na guerra, pela vitória do seu modo de vida sobre o de todos os outros. As obras de Jane Austen celebram as virtudes do que ela entende especialmente como o modo de vida britânico, o modo de vida que venceu em 1815 (PRESCOTT, 2009, p. 18)⁸.

Essa ideia de supremacia inglesa sobre o nacionalismo francês pode ser identificada nas obras de Austen de forma delicada. Em *Emma*, por exemplo, Frank Churchill utilizava-se de palavras do idioma francês, como *naïveté* (ingenuidade) e *outrée* (antiquado), e a crítica a ele vinha em seguida:

Nos poucos minutos em que Emma pôde conversar com ele, enquanto Harriet ainda estava parcialmente consciente, Frank Churchill falou com encantadora

⁸ Tradução nossa, no original: *This war also did much to change the way in which warfare has been understood in the years following. For people like Jane Austen or the Duke of Wellington, the war principally represented the triumph of the old order over the Revolutionaries and the power of tyranny that characterized Napoleon's reign. The French had rebuilt their feelings of nationalism in a Revolution that in many ways failed. They were united by the shared suffering of it, and by the call to fight for France, and not for a King. The British, however, were called to a sense of nationalism by the victory of the war, of the victory of their mode of life over all others. Jane Austen's novels celebrate the virtues of what she understands as a uniquely British mode of life, the way of life that had won out by 1815* (PRESCOTT, 2009, p. 18).



e deliciosa sensibilidade sobre o terror de Harriet, sua *naïveté* e seu desespero quando se agarrou ao braço dele (AUSTEN, 2010, p. 227).

Em outra situação, Churchill ponderou: “Acho que fui muito rude. Mas estava observando que Miss Fairfax arrumou seu cabelo de um jeito tão esquisito – muito esquisito mesmo – que não pude deixar de olhá-la. Nunca vi nada mais *outrée!*” (AUSTEN, 2010, p. 148).

O vocabulário francês de Frank Churchill era criticado pelo Sr. Knightley, para quem Churchill podia ser delicado em francês, mas não o era em inglês. “Ele pode ser amável, ter boas maneiras, e ser muito agradável; mas ele não tem a delicadeza inglesa para com os sentimentos das outras pessoas” (AUSTEN, *apud* WORSLEY, 2017, p. 134)⁹.

Ainda nessa ótica crítica, Austen censurou sua novelista favorita, Frances Burney, por ter se casado com um cidadão francês. Em *Northanger Abbey*, um dos personagens se referia a essa escritora como “aquela mulher que causou todo aquele alvoroço, aquela que se casou com um emigrante francês” (AUSTEN, *apud* WORSLEY, 2017, p. 135)¹⁰.

Como então afirmar que Austen não pode ser considerada uma escritora “séria” por não trazer referências históricas em suas obras?

Tony Tanner, um crítico literário britânico, se refere a uma das cartas escritas por Austen em 1815, na qual ela afirmou: “Acho que posso me gabar por ser, com toda a vaidade possível, a mais iletrada e desinformada mulher que já se atreveu a ser escritora” (AUSTEN, *apud* TANNER, 1986, p. 02)¹¹. E Tanner pondera:

Se ela escolheu se apresentar como uma solteirona provinciana que viveu (ou sofreu) em um horizonte limitado de pouca experiência contemporânea e, mais genericamente, de trabalhos acadêmicos, filosóficos e literários, deve ter sido porque percebeu (ou decidiu) que não iria competir com, digamos, Richardson e Scott – para não mencionar outros. O fato de que suas ‘modestas’ obras chegaram a ser mais apreciadas do que as obras desses grandes autores

⁹ Tradução nossa, no original: *Frank, he says, ‘can be amiable only in French, not in English. He may be very “amiable”, have very good manners, and be very agreeable; but he can have no English delicacy towards the feelings of other people* (AUSTEN, *apud* WORSLEY, 2017, p. 134).

¹⁰ Tradução nossa, no original: *that woman they made such a fuss about, she who married the French emigrant* (AUSTEN, *apud* WORSLEY, 2017, p. 135).

¹¹ Tradução nossa, no original: *I think I may boast myself to be, with all possible vanity, the most unlearned and uninformed female who ever dared to be an authoress* (TANNER, 1986, p. 02).



talvez só possam ser explicado por magia, ou o que James chamaria de ‘a loucura’ da arte (TANNER, 1986, p. 02)¹².

Jane Austen representou muito do mundo real em seu mundo fictício. Mas ela o fez de forma sutil. Para o leitor de hoje, crítico ou não, esse mundo real é distante, pelo menos em nível de detalhes ou dos efeitos das guerras na vida das pessoas. De certa forma, isso faz com que seus romances sejam lidos como simples histórias de amor, embora Austen tenha reproduzido traços da sociedade inglesa regencial no contexto de guerra vivido em sua época. Em *Orgulho e Preconceito*, um dos personagens de destaque era miliciano, tal como Henry, irmão de Jane.

A MILÍCIA EM ORGULHO E PRECONCEITO

A ideia de que “durante a década em que Napoleão estava confrontando, senão transformando a Europa, Jane Austen escreveu um romance no qual os eventos mais importantes são o fato de que um jovem rapaz muda o seu comportamento e uma jovem moça muda sua opinião” (TANNER, 1986, p. 103)¹³ parece ser muito redutora. Não somente ela estava ciente dos eventos históricos de sua época, como conhecia os fatores sociais que moldavam a sociedade inglesa. Aliás, Tim Fulford (2002, p. 154), professor de literatura inglesa, afirmou que “O debate sobre a milícia cresceu em estridência ao longo de 35 anos, com determinado clímax no final da década de 1790, quando Austen estava esboçando o que se tornaria *Orgulho e Preconceito*, e novamente de 1811 a 1812, quando ela o estava revisando”¹⁴.

Worsley (2017, p. 59) também afirmou: “O impacto das Revoluções Francesa e Americana na sociedade parece, à primeira vista, ser remoto da obra e das ideias de Jane. Mas,

¹² Tradução nossa, no original: *If she chose to present herself as a provincial spinster enjoying (or suffering) a very limited horizon of contemporary experience and, more generally, contemporary academic, philosophic and literary work, then that must have been because she realized (or decided) that she was not in any way going to compete with, say, Richardson and Scott – to mention no more. How it was that her own ‘modest’ works came to be held in more esteem and regard even than the work of those great authors can perhaps only be ascribed to the magic, or what James would call ‘the madness’ of art*” (TANNER, 1986, p. 02).

¹³ Tradução nossa, no original: *[...] during a decade in which Napoleon was effectively engaging, if not transforming, Europe, Jane Austen composed a novel in which the most important events are the facts that a young man changes his manners and a young lady changes her mind* (TANNER, 1986, p. 103).

¹⁴ Tradução nossa, no original: *The debate about the militia grew in stridency over thirty five years, with particular climaxes in the late 1790s, when Austen was drafting what was to become *Pride and Prejudice*, and again from 1811 to 1812, when she was revising it* (FULFORD, 2002, p. 154).



na verdade, a questão da ordem social, e como ela pode ser alcançada quando virtude e hierarquia estão em jogo, compõe a superfície de suas histórias”¹⁵.

Orgulho e Preconceito, publicado em 1813, é a obra mais apreciada de Austen. Nele, há demonstrações do comportamento da milícia inglesa, representada por Wickham, figura que alude à mobilidade social trazida pela guerra. A história se passa no cenário das guerras napoleônicas, quando a Inglaterra estava correndo o risco de ser invadida pela França. Para combater o exército francês, os britânicos espalharam tropas militares, inclusive voluntárias, pelo país, à espera de um ataque.

A milícia era formada por voluntários, mas para que fossem recrutados, eles deveriam pagar uma comissão. No caso de Wickham, podemos inferir que Darcy, o herói do livro, pagou sua comissão, uma vez que ele não possuía riqueza própria. Fazer carreira no Exército passou a ser uma ocupação respeitável, principalmente para os filhos não primogênitos, ou seja, os que não herdariam a propriedade da família. Para as tropas voluntárias, os milicianos, abria-se a oportunidade de um casamento vantajoso, que é exatamente o que Wickham procurava.

Durante a guerra, a milícia inglesa tinha o dever de policiar o país e somente seria requisitada se houvesse confronto com as forças de Napoleão. No romance, Wickham é mandado para o Norte, *Newcastle*, para conter revoltas turbulentas. Em outras palavras, o Exército também servia para manter ordem na Inglaterra.

Os leitores da época de Austen sabiam que o Exército estaria presente caso uma invasão francesa acontecesse. No entanto, como isso nunca ocorreu, os soldados tinham bastante tempo livre para usufruir de seu lazer. Em *Orgulho e Preconceito*, os soldados participam de atividades sociais, como bailes e caminhadas: “Muito se fizera e muito se falara no regimento desde a última quarta-feira, muitos dos oficiais tinham jantado recentemente com seu tio, um soldado fora castigado e verdadeiramente se dava a entender que o Coronel Foster iria se casar” (AUSTEN, 2009, p. 69). No entanto, as poucas oportunidades de lutar que eles tiveram não justificavam o alto número de escândalos no qual eles se envolviam.

Os jornais da época retrataram vários escândalos relacionados ao Exército. Segundo Fulford, a nação via o Exército como uma instituição nobre e cavalheiresca, mas acabou se

¹⁵ Tradução nossa, no original: *The impact of the French and the American Revolutions on society seems, at first glance, to be remote from Jane's work and concerns. But in fact the question of the rightful ordering of society, and how this might be achieved when virtue and hierarchy were at odds, bubbles away vigorously beneath the surface of her stories* (WORSLEY, 2017, p. 59).



decepcionando com a corrupção sexual e financeira dele. O maior escândalo se deu em 1808, quando a amante do Duque de York, Comandante Chefe do Exército, aceitou favores sexuais e suborno de soldados para fazer com que o Duque os promovesse. Fulford ainda cita o jornal *Morning Chronicle*, de 1778, em publicação na qual os oficiais conduziam damas secretamente para dentro de suas tendas:

O Duque de Devonshire se divertia com Lady Jersey enquanto sua esposa se exibia para a sociedade; Lady Melbourne ficou grávida de Lord Egremont, e – em um escândalo que fascinou a imprensa – Lady Derby abandonou seu marido e filhos para viver com o Duque de Dorset (FULFORD, 2002, p. 156)¹⁶.

Para Fulford (2002, p. 155), mesmo ante a possibilidade da invasão francesa, a milícia “impressionava mais a sociedade como um espetáculo do que como força de combate”¹⁷. E esse clima de “espetáculo” pode ser visto em *Orgulho e Preconceito*, na citada fuga de Lydia com o soldado Wickham.

O casal começou uma união fora do casamento, e isso trouxe vergonha para a família dela, tanto que uma das cartas que a família Bennet recebeu de um dos parentes traz o seguinte trecho: “a morte da sua filha teria sido uma benção em comparação a isso” (AUSTEN, 2012, p. 240)¹⁸. Ainda de acordo Fulford (2002, p. 154), “no interior britânico do final do século XVIII, não havia nada mais atraente do que o casaco de um oficial”¹⁹.

Em *Orgulho e Preconceito*, há várias referências ao uniforme militar. As personagens Lydia e Kitty, por exemplo, ficaram encantadas com a chegada dos soldados em Meryton e “nada mais podiam falar além dos oficiais; e a vasta fortuna do Sr. Bingley, cuja menção dava ânimo à mãe delas, era de pouco valor aos olhos delas, quando comparada aos regimentos de uma bandeira” (AUSTEN, 2009, p. 34). A Sra. Bennet, a mãe delas, inclusive, afirmou:

¹⁶ Tradução nossa, no original: *The Duke of Devonshire dallied with Lady Jersey while his wife paraded, Lady Melbourne became pregnant by Lord Egremont, and - in a scandal that fascinated the press - Lady Derby left her husband and children to live with the Duke of Dorset* (FULFORD, 2002, p. 156).

¹⁷ Tradução nossa, no original: *impressed the public more as a spectacle than as a fighting force* (FULFORD, 2002, p. 155).

¹⁸ Tradução nossa, no original: *the death of your daughter would have been a blessing in comparison of this* (AUSTEN, 2012, p. 240).

¹⁹ Tradução nossa, no original: *in the British countryside of the late eighteenth century the most striking new thing was an officer's coat* (FULFORD, 2002, p. 154).



“Lembro do tempo quando eu mesma gostava muito de um casaco vermelho” (AUSTEN, 2009, p. 35), cor do uniforme da milícia. Essa referência mostra a futilidade da Sra. Bennet e o exemplo que ela dá a suas filhas. As três veneravam os soldados e os consideravam potenciais maridos.

O comportamento de Lydia era de deslumbramento, e em suas fantasias com os oficiais, muitas vezes, ela se inseria nas cenas que criava, extravasando sua sedução.

Ela via todas as glórias do acampamento – suas tendas avançando em bela uniformidade de linhas, lotadas com os jovens e os alegres, e fulgurando de escarlate; e, para completar a paisagem, ela se via sentada em uma tenda, flertando simultaneamente com seis oficiais de uma vez (AUSTEN, 2009, p. 247).

Sobre os oficiais, esses são descritos pela autora como um grupo e não como indivíduos. Nessa distinção, como o termo “grupo” indica um conjunto de pessoas que se aproximam por alguma razão, esse termo pode ter o sentido de generalização dos escândalos, isto é, a má conduta de um oficial repercutia sobre todos ou são todos iguais.

Algumas vezes, também, Austen omite os nomes dos soldados e parece que as próprias personagens não se lembram dos nomes deles. Por exemplo: quando Elizabeth foi informada da fuga de Lydia, ficou surpresa, pois nunca percebera a inclinação dela por Wickham. Elizabeth lembrou: “Às vezes, algum oficial fora seu favorito, outras vezes, outro, enquanto suas atenções elevavam-se na opinião dela. Suas afeições flutuaram continuamente, mas nunca sem objeto” (AUSTEN, 2009, p. 291).

Vê-se aí que nem os oficiais “favoritos” de Lydia mereceram ser nomeados por Austen. E se, por um lado, isso reforça a ideia acima referida de que os oficiais não se distinguiam entre si, por outro exemplifica, teoricamente, a presença do que Bardin (2004) chama de “elementos formais atípicos” da mensagem, como omissões e outros. A importância desses elementos na narrativa está na repetição, Austen chama os oficiais ora de grupo, ora de algum, ora de outro que representa o investimento psicológico da autora nesse sentido.

Austen representou em Lydia parte do fascínio que a figura dos soldados exercia sobre a sociedade inglesa durante a guerra. Depois de sua fuga com Wickham, ela continuava a gabar-se do uniforme de seu novo marido: “Queria saber se ele se casaria com seu casaco azul” (AUSTEN, 2009, p. 330). E isso, para ela, era o que importava, tanto que, ao ouvir a notícia de que um soldado havia sido castigado e açoitado, sua reação foi de indiferença.

No romance, além de serem admirados pelo uniforme (como os soldados eram na vida real), os oficiais também gostavam de se vestir de mulher para se divertir:



Ah eu! Divertimo-nos bastante por alguns dias na casa do Coronel Foster [...] Vestimos Chamberlayne com roupas de mulher com o propósito de fazê-lo se passar por uma dama, pense só que divertido! Ninguém sabia disso, além do Coronel e da Sra. Foster, e Kitty e eu, e minha tia, pois fomos forçadas a pedir emprestada uma de suas toucas; e você não pode imaginar quão bem ele ficou! (AUSTEN, 2012, p. 181)²⁰.

Se comparar o fato de os oficiais do Exército não atuarem na guerra (conforme Fulford) e os escândalos que eles promoveram, infere-se que Austen pode ter criticado, por meio das brincadeiras dos oficiais vestidos de garota e da ausência de autoridade nesses momentos, a falta de autoridade que também havia na situação real dos escândalos provocados por eles.

Essa inferência pode ser entendida na perspectiva de duas das premissas principais do *New Historicism*, citadas por Veese (1989, n/p.): “todo ato expressivo está embutido em uma rede de práticas materialistas; [...] textos literários e não literários circulam inseparavelmente [...]”. Já Parvini (2017, p. 02) afirma que “os leitores devem estar cientes [...] de que [...] como o *New Historicism* tem tido um desenvolvimento controverso, os relatos raramente são neutros em sua totalidade”.

Ainda sobre o comportamento dos oficiais do Exército, segundo Fulford (2002, p. 156), era claro que “a milícia estava fazendo amor e não guerra”²¹ e, dessa forma, ela ameaçava a virtude das jovens moças, sendo até, nesse particular, mais perigosa do que a própria guerra com a França. Os oficiais eram mandados para longe de suas casas e, conseqüentemente, quando chegavam ao novo destino, ninguém sabia de sua verdadeira identidade e sua reputação. Assim, eles agiam na sociedade com libertinagem, sem qualquer preocupação, disfarçados pelo uniforme, ou seja, o deslumbrante uniforme servia de disfarce de caráter.

Esse era exatamente o caso do personagem Wickham que, ao chegar a Meryton, foi descrito como um soldado encantador. Ele se apresentava como um homem respeitável e mentia sobre seu passado com Darcy. E como os oficiais eram vistos como potenciais pares românticos, o Sr. Bennet disse ironicamente a Elizabeth: “Há oficiais o suficiente em Meryton para desapontar a todas as jovens damas no campo. Deixe Wickham ser seu homem” (AUSTEN,

²⁰ Tradução nossa, no original: *Dear me! we had such a good piece of fun the other day at Colonel Forster's [...] We dressed up Chamberlayne in woman's clothes, on purpose to pass for a lady, - only think what fun! Not a soul knew of it, but Col. and Mrs. Forster, and Kitty and me, except my aunt, for we were forced to borrow one of her gowns; and you cannot imagine how well he looked!* (AUSTEN, 2012, p. 181).

²¹ Tradução nossa, no original: *the militia was making love, not war* (FULFORD, 2002, p. 156).



2009, p. 150). Mas Wickham fugiu com Lydia, o que foi fácil, uma vez que ele não mantinha relações com ninguém.

Não era sabido que Wickham tivesse um único vínculo com alguém com quem ele tivesse ligação, e era certo que não tinha ninguém próximo vivo. Seus relacionamentos anteriores foram numerosos; mas, desde que estava na milícia, não parecia que ele estava em termos de amizade particular com qualquer um deles. Não havia ninguém, portanto, que pudesse ser apontado como provável a dar quaisquer notícias dele (AUSTEN, 2009, p. 309).

De fato, Wickham foi uma decepção. Ele não havia se tornado um soldado por patriotismo, mas sim, para ascender socialmente através de um casamento vantajoso. O anonimato e o status conferido à milícia davam oportunidade para os soldados facilmente ascenderem na escala social, e era exatamente isso o que Wickham estava procurando. De acordo com Worsley (2017, p. 134), “obviamente os soldados tiveram um forte impacto na vida dos Bennets em *Orgulho e Preconceito*, mas não somente de forma social. Eles trouxeram a violência do campo de batalha a uma vila, da mesma forma que Kitty e Lydia trazem as fofocas para seu lar”²².

Os exemplos identificados dão a perceber vários aspectos sociais da vida reproduzidos nas obras de Austen. Ela fez alusão a grandes questões de sua época, representando-as no nível de suas personagens e mostrando como elas afetavam a vida de pessoas comuns.

Austen conseguiu transformar críticas ao comportamento militar durante as guerras napoleônicas em histórias de amor e de fascínio por soldados. Assim, ela brilhantemente mostrou como a política impactou a sociedade, escrevendo sobre algo que não era esperado que mulheres fizessem àquela época. Como destaca Worsley (2017, p. 131), “Ela mostrou questões políticas no âmbito pessoal”²³.

CONCLUSÃO

²² Tradução nossa, no original: *obviously the officers make a huge impact on the lives of the Bennets in Pride and Prejudice, but not only socially. They bring the violence of the battlefield home to the village, just as Kitty and Lydia bring home the gossip* (WORSLEY, 2017, p. 134).

²³ Tradução nossa, no original: *She made the political into the personal* (WORSLEY, 2017, p. 131).



Ficou evidenciado que, ao escrever *Orgulho e Preconceito*, Austen ilustrou a falta de moralidade da milícia por ocasião das guerras napoleônicas na Inglaterra e como sua expansão e sua má conduta mudaram a vida de muitas mulheres do interior do país naquela época.

Isso é uma prova de que ela, de fato, reproduziu em *Orgulho e Preconceito* o contexto da época em que vivia, deixando claro que sua ficção não somente tratou de questões políticas, como também ilustrou o efeito direto dessas na vida dos leitores de seu tempo. A diferença está na sutileza com que ela fez isso.

Por fim, verifica-se que a caracterização da milícia, tal como Austen a fez por meio dos personagens e dos respectivos atos, reflete bem o contexto da época no interior da Inglaterra.

REFERÊNCIAS

- ANRADE, Ana Luíza Mello Santiago de. **Abolição da escravidão pela Inglaterra**. 2018. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/historia/abolicao-da-escravidao-pela-inglaterra>> Acesso em: 20 abr. 2019.
- AUSTEN, Jane. **The militia in Jane Austen's fiction**. Disponível em: <<https://austenauthors.net/the-militia-in-jane-austens-england/>> Acesso em: 24 mar. 2019.
- AUSTEN, Jane. **Emma**. Tradução de Doris Goettems. Edição bilíngue. São Paulo: Landmark, 2010.
- AUSTEN, Jane. **Emma**. 13. ed. Londres: Penguin Books, 2006.
- AUSTEN, Jane. **Mansfield park**. 3. ed. Londres: Wordsworth Classics, 2007.
- AUSTEN, Jane. **Northanger abbey**. 3. ed. Londres: Wordsworth Classics, 2007.
- AUSTEN, Jane. **Orgulho e preconceito**. Tradução de Marcella Furtado. 3. ed. São Paulo: Landmark, 2009.
- AUSTEN, Jane. **Persuasion**. San Diego: Canterbury Classics, 2013.
- AUSTEN, Jane. **Pride and prejudice**. San Diego: Canterbury Classics, 2012.
- AUSTEN, Jane. **Sense and sensibility**. 3. ed. Londres: Wordsworth Classics, 2007.
- BARDIN, Lawrence. **Análise de conteúdo**. 3.ed. Lisboa: Edições 70, 2004.
- EUROCHANNEL. **A história por trás do povo rom**. Disponível em: <<http://www.eurochannel.com/pt/A-historia-por-tras-do-povo-Rom.html>> Acesso em: 5 mai. 2019.
- FULFORD, Tim. Sighing for a Soldier: Jane Austen and Military Pride and Prejudice. **Nineteenth-Century Literature**, v.57, n. 2, p. 153-178, 2002.
- PARVINI, Neema. **New historicism**. 2017. Disponível em: <<https://www.oxfordbibliographies.com/view/document/obo-978019022>> Acesso em: 5 mai. 2019.
- PEMBERLEY. **Letters of Jane Austen**. Disponível em: <<https://www.pemberley.com/jane/info/brablt16.html>> Acesso em: 23 abr. 2019.



PRESCOTT, Lindsay. Voices in Britain during the Napoleonic Wars: Jane Austen. Jane Austen Studies Center. **Paper 1**, 2009. Disponível em: <<http://commons.pacificu.edu/jasc>> Acesso em: 20 abr. 2019.

TANNER, Tony. **Jane Austen**. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

THE LOITERER. **Without brilliancy of any kind**. What Some Women Should Not Have Said About Jane Austen. Disponível em: <<http://www.theloiterer.org/ashton/women.html>> Acesso em: 20 mai. 2019.

VEESER, Harold Aram. Quote Introduction. *In* The new historicism. 1989. Disponível em: <<https://www.shmoop.com/new-historicism/harold-aram-veeser-quotes.html>> Acesso em: 20 mai. 2019.

WORSLEY, Lucy. **Jane Austen at home**. New York: St. Martin's Press, 2017.